

# UMA RENOVAÇÃO LITTERARIA

## ENTRE NÓS

---

### I

Já estamos habituados a ouvir fallar do nosso atrazo; e tal convicção vae-se gerando em todos; nem um brasileiro faz mysterio de que o desenvolvimento nacional tem sido demasiado vagaroso, e bem cego será aquelle que, depois de fazer o inventario de nossas conquistas, achar que temos razão para orgulharmo-nos muito. A confissão é geral e sincera; nos proprios documentos officiaes encontra-se de tal sorte carregado o quadro da pobreza do nosso paiz e da improficuidade dos esforços empregados, que um animo menos forte impressiona-se facilmente.

Não pretendemos inquirir a causa de semelhante estado de cousas, nem valeria a pena entrar no exame das re- criminações com que os partidos politicos attribuem-se mutuamente a culpa do empobrecimento do Brazil, da sua penuria litteraria, e da decadencia na industria, no commercio, na lavoura, e em todos os ramos da actividade nacional. O que urge é estudar com cuidado e affinco os meios de vencer as difficuldades que se nos antolham, e a especie de amortecimento que infelizmente se vae manifestando no espirito publico. O Brazil é um paiz novo, dotado de recursos immensos, com uma população mais ou menos intelligente; e repugna ao bom senso pensar que estamos con-



demnados a uma velhice prematura, acompanhada de decrepitude medonha e dolorosa.

Não ha falta de patriotismo em empregar esta linguagem, porque é a da verdade; haveria, em mentir ao paiz, e embair a credulidade publica com a narração de falsas glorias. Temos ainda muito que fazer, principalmente porque muito pouco se ha feito, não por falta de reformas, pois cada anno assistimos á reorganização de todos os serviços; mas qual o resultado obtido? Os espiritos despreoccupados que respondam, tendo em vista os planos incoherentes de que somos sempre victimas, e que muitas vezes nem podemos observar em suas ultimas applicações por causa das imprevisas e rapidas mutações.

A nossa principal infelicidade está em que perdemos o tempo com discussões bysantinas, quando deveriamos empregar-o em cousas uteis, e no beneficio real do paiz; esperamos tudo do governo, tudo attribuímos a elle, e queixamo-nos sempre, sem attender a que negamos nossa cooperação quando ella se torna necessaria, e de nada valem esforços governativos, principalmente em certas materias, quando elles não são secundados pela iniciativa particular.

Ha um ponto pois em que todos estão de acôrdo: é o nosso atrazo; fazer disso uma questão é perder tempo com banalidades. O que convém é não cair em extremos: censurar systematicamente, ou condemnar tudo sem lembrar um meio ao menos de sair da situação que lastimamos. De que serve fazer ruinas para nada edificar no logar dellas? Seria imperdoavel pobreza de espirito; e quem se reputa incapaz de crear alguma cousa, não tem o direito de destruir cousa nem-uma.

Entrámos nesta ordem de considerações a proposito de um recente trabalho, que a imprensa diaria já saudou com merecidos elogios, e que traz por titulo—*A philosophia no Brazil*. O seu autor, o Dr. Sylvio Romero, apresenta-se-nos com o intuito de indicar a evolução que os estudos philosophicos tem seguido no paiz, e com uma franqueza rude desde as primeiras palavras nos desengana, dizendo apenas, em forma de consolo, que da idéa exacta do pouco que temos feito é que, na hora actual, devemos tomar novas forças em busca de um ar mais puro, atrás de um futuro melhor.



Estamos em presença de uma personalidade que não se illude sobre os proprios recursos, nem sobre os assumptos em que toca. Com uma sinceridade, muitas vezes ingenua, o escriptor brasileiro deixa entrever todo o seu character ; não espera que o interroguem, apressa-se em fazer quasi que a sua biographia ; não tem a modestia natural dos escriptores que vem trazer ao publico os resultados de seus estudos, ao contrario impõe-se como mestre e, apesar de ligeiros e mal disfarcados protestos, vê-se bem que o nosso patricio não se tem em conta de uma vulgaridade ; não requer a condescendencia de ninguem, e longe d'isso affronta e desafia a severidade dos mais competentes.

É elle proprio quem diz a seu respeito, usando da phrase de um notavel philosopho moderno, que poucos serão menos dispostos a usar de palavrões ; os seus estudos, é ainda elle quem falla, são oriundos de uma preparação preliminar um tanto rigorosa ; a propria pessoa é uma de suas maiores preoccupações, porque não quer enganar o publico para quem escreve, e assim é que, educado nessas escolas contra as quaes se insurge e tendo recebido o ensino que condemna, avisa-nos que a sua vida intellectual ha sido uma constante e dolorosa lucta para arredar da mente o que nella foi depositado pelo ensino secundario e superior que lhe inocularam, e substituir tão frageis e compromettedoras noções por dados scientificos.

O Dr. Sylvio Romero é poeta, e bacharel em direito : é ainda elle quem lembra essas duas circumstancias, e para ellas chama especialmente a attenção dos leitores, visto como aos olhos de alguns isso equivale a um signal de incompetencia ; desde logo porém o illustre critico formula a sua defeza, ponderando antes de tudo que não deve ser julgado *a priori* e sem ser lido, mas á vista de seus escriptos, e depois de meditados elles. « O facto de escrever alguem poesias (são palavras suas) não o fere com o estigma de incapaz de cultivar outros ramos das manifestações intellectuaes, basta lembrar o caso de Goethe poeta e naturalista na Allemanha, de Disraeli poeta e homem de Estado na Inglaterra, de Quinet poeta e historiador em França, de Gubernatis poeta e mythologo na Italia, de Herculano poeta e historiador em Portugal. Quanto a ser bacharelado em direito, é sufficiente não



esquecer que se deve distinguir entre o que se aprende nas nossas nullas academias e o que fóra dellas se pode estudar. E' certo que para dar-se uma direcção positiva ás idéas, é preciso comprimir e afugentar dellas tudo quanto alli se ensina. »

Quanto á natureza e historia do trabalho que noticiamos, o proprio escriptor nol-as explica: « Entrado, ha oito annos, para a vida publica da imprensa, pareceu-me acertado fazer a resenha dos meus escriptos disseminados pelos jornaes e periodicos das provincias do Imperio em que tenho residido, e, corrigindo-os e aperfeiçoando-os a uma nova fórma de publicidade, dal-os á luz. Distribuidos em duas ordens, filhas dos dois ramos de manifestações intellectuaes a que me tenho dedicado, a poesia e a critica, devem elles formar as seguintes brochuras, de maior ou menor volume, que irão apparecendo successivamente: *A Philosophia no Brazil, Cantos e Contos do Povo Sergipano, Generalização da Litteratura brazileira, Paginas de Critica, A Poesia contemporanea e Cantos do Fim do Seculo. O Poema das Americas, A Caaba de um Pensador.* »

Eram indispensaveis estas informações pessoaes para o leitor entrar no conhecimento da individualidade que lhe apresentamos, e tanto mais indispensaveis quanto o escriptor não faz apenas profissão da critica, não é um mero expositor de systemas alheios; o seu fim, que não esconde, é *uma renovação litteraria entre nós*. Cumpre, pois, que o publico aprecie não sómente os resultados da viagem scientifica do autor através do que entre nós se tem escripto sobre philosophia, mas tambem as bases da renovação litteraria que propõe.

## II

Em onze partes divide-se o opusculo do Sr. Romero, e em cada uma dellas encontra o leitor estudo especial sobre os diversos typos a que o nosso critico applicou a sua analyse. Eil-os, segundo a ordem em que foram dispostos: Fr. Mont'Alverne, com o seu *Compendio de Philosophia*, impresso em 1859, no Rio de Janeiro; Dr. Eduardo Ferreira França, autor das *Investigações de Psychologia*,



publicadas na Bahia, em 1854; Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, com os *Factos do espirito humano*, obra impressa em Pariz, em 1858 (1); Padre Patricio Muniz, que deu a lume no Rio de Janeiro, em 1863, a sua *Theoria da affirmação pura*; Dr. José Soriano de Souza, autor de diversos trabalhos de acordo com as ideas de S. Thomaz de Aquino, sendo mais notaveis o *Compendio de Philosophia* (Recife, 1867), e as *Lições de philosophia elementar* (Pariz, 1871); o pintor Pedro Americo, com a sua these apresentada á Universidade livre de Bruxellas, em 1869, e no mesmo anno impressa sob o titulo *La science et les systémes*; Dr. Luiz Pereira Barreto, autor das *Trez Philosophias*, obra que deverá compor-se de outros tantos volumes, dos quaes já foram publicados dois, um no Rio de Janeiro, em 1874, e o outro em S. Paulo, em 1877; Visconde do Rio Grande, a proposito do trabalho que lhe é attribuido, e que, com o titulo *O fim da criação ou a natureza interpretada pelo senso commun*, appareceu no Rio de Janeiro, em 1875; Dr. Domingos Guedes Cabral, autor de um trabalho sobre as *Funcções do cerebro*, que era destinado a ser apresentado á Faculdade de Medicina da Bahia como these inaugural, e impresso em 1876; Dr. Tobias Barreto de Menezes, que tem publicado diversos trabalhos em portuguez e allemão (2), no periodo de 1874 a 1876, já no Recife, já na cidade da Escada, onde reside; finalmente no ultimo capitulo, o autor exhibe-se expondo suas ideas sobre philosophia, depois de algumas considerações geraes acerca de nossas cousas politicas.

Não se trata de uma classificação arbitraria, pois a isto se opporia o espirito methodico do autor; a ordem da preferencia foi determinada por motivos especiaes que elle não se esquece de indicar. O movimento scientifico do Brazil começou depois da Independencia; no tempo da

(1) A obra ultima intitulada *A alma e o cerebro* appareceu depois de escripto o capitulo destinado ao hoje Visconde de Araguaya, e por isso o autor declarou não havel-a comprehendido em seu exame, reservando-se para occasião opportuna.

(2) O Dr. Tobias publicou dois folhetos: em 1875, os *Ensaio e estudos de philosophia e critica*, cuja impressão não passou do 1.º fasciculo; em 1876, em allemão, o *Brazil como elle é, considerado sob o ponto de vista litterario*. A maior parte dos seus escriptos tem apparecido nos diversos jornaes do Recife desde 1862.



metropole debalde o autor procurou um trabalho, devido a penna brasileira, que servisse para iniciar a sua analyse, e dar a medida exacta do estado das especulações philosophicas; e mesmo depois da emancipação politica nem um vulto regular chama a attenção dos pensadores sinão em época muito posterior. O compendio de Fr. Mont'Alverne foi escripto em 1833, comquanto só apparecesse 26 annos depois, e dahi a razão da prioridade; nos demais capitulos segue-se a ordem das datas que trazem os trabalhos examinados. Não se pense que são verdadeiras secções, destacadas completamente; o autor tem o cuidado de estabelecer ligação immediata entre as diversas partes do seu livro, de sorte que facilmente se percebe que ha alli um pensamento director, um plano concertado. Se cada divisão foi consagrada a um escriptor distincto, nem por isso o autor deixou de aproveitar as occasiões opportunas para exhibir vistas geraes sobre a materia, e comparar as doutrinas e seus autores.

O Sr. Romero define por um facto caracteristico a litteratura philosophica brasileira. Os nossos philosophos não são conhecidos mesmo entre nós; é preciso um esforço não pequeno para ir achal-os no esquecimento em que se abrigam; e quando com algum custo se consegue organizar a relação que o autor nos apresenta, o espirito é logo impressionado pela falta de ligação que entre si guardam. Parece que, completamente estranhos uns aos outros, elles até ignoram as idéas dos que os antecederam, e este phenomeno indica bem claramente que nem um exerceu influencia preponderante no tempo em que escreveram; as suas doutrinas passaram despercebidas, a falta de qualquer delles não causaria lacuna na historia do nosso desenvolvimento scientifico; a razão é muito simples: não tiveram predecessores, não encontraram continuadores.

Desta observação parte o Sr. Romero para entrar numa serie de considerações em que insiste por diversas vezes. Os philosophos brasileiros não tem originalidade alguma; cada um escreve sob a impressão de suas leituras, e faz-se o repetidor das idéas do seu escriptor favorito. Taine assegura que o acaso favoreceu o eclecticismo francez, fazendo com que Royer Collard comprasse



a um mercador de livros, no caes, a obra de Reid, que lhe era desconhecida ; talvez factos semelhantes expliquem os systemas dos philosophos brasileiros. Soffremos sempre a influencia do estrangeiro, mas não de uma forma regular e logica ; arredados do movimento scientifico geral, de vez em quando vemos surgir uma intelligencia mais audaz, imbuida nas ideas de algum pensador que conquistou-lhe a sympathia, e então temos formado o philosopho. Para este, toda a sciencia se resume no pouco que pôde ler ; tudo o mais é como se não existisse ; d'ahi as singulares aberrações que bem patentes ficaram pelo apurado exame do Sr. Romero.

Quem quizesse fazer uma classificação dos que, entre nós, se tem occupado de philosophia, ver-se-ia na maior difficuldade pelos motivos expostos. Pensa o Sr. Romero que, quando muito, se poderiam organizar trez grupos : 1.º escriptores educados sob o regime do sensualismo metaphysico francez dos primeiros annos deste seculo, e que passaram para o eclectismo cousiniano ; 2.º reactores neocatholicos filiados ás doutrinas de Gioberti e Rosmini, ou ás de Balmés e Ventura ; 3.º e a final espiritos que se vão emancipando sob a tutela das idéas de Comte ou as de Darwin.

Uma ligeira apreciação dos philosophos criticados dará idéa dos estudos e modo de pensar do Sr. Romero, bem como dos fundamentos de sua these geral já indicada.

Mont'Alverne começou sensualista e acabou eclectico ; entusiasmado pela eloquencia de Cousin, rendia-lhe a homenagem devida a um Deus, e tinha a pretensão de restaurar com elle o systema philosophico ; entretanto mostrou ignorar completamente tudo o que se escreveu na Europa na occasião em que o eclectismo, esteiado pelo elemento official, tomava conta das escolas francezas, para bem depressa deixar-se desacreditar pela inconsistencia de sua base, e pela superficialidade de suas doutrinas. Elle poderia ter uma justificação ; escreveu o seu compendio em 1833, e ficou cego em 1836 ; naquelle tempo as communicações ainda não eram muito faceis, e quasi todas as nossas idéas vinham de Portugal, ou por seu intermedio ; tinha pois o franciscano o direito de estar atrasado com o seu tempo, e nem se lhe pode fazer grande censura por não haver, depois de cego, continuado a estudar bastante



para saber, quando morreu em 1856, que muito antes o eclectismo o tinha precedido na sepultura. Poder-se-á porem dizer o mesmo do Dr. Eduardo Ferreira França, medico, lente de uma faculdade de Medicina, que depois do meiado do seculo, abandonou o materialismo para fazer-se eclecticico, confessando dever a Maine de Biran a sua conversão? Terá ainda a mesma desculpa o Sr. Magalhães, que, quanto viva na Europa, e lá publique as suas obras no centro do movimento scientifico mostra ser totalmente estranho a elle? Si o primeiro estava a,razado com o seu tempo, os dois ultimos deixaram-se atrazar apezar delle.

Entre Eduardo França e Magalhães, a preferencia entretanto cabe certamente ao primeiro, e o Sr. Romero não o occulta. Ambos estes philosophos são medicos, ambos abraçaram o espiritualismo, e mostram-se partidarios estrenuos; quanta differença porem, de um para o outro! O primeiro, sem duvida melhor preparado pelos seus conhecimentos physiologicos, pelos seus estudos de sciencias naturaes, tem espirito de observação, mostra-se menos amigo de inventar theorias do que de estudar os factos. O segundo, palavroso e superficial, sacrifica tudo á belleza da phrase, e ao desejo de mostrar muito maior erudição do que realmente tem. De Magalhães diz o Sr. Romero: « Foi sempre um homem de meias medidas: meio classico e meio theologo, com pretensões a espirito moderno. Seu livro é uma cantilena declamatoria onde não se depara com o methodo scientifico, nem com a segurança e elevação das idéas. » O juizo é severo, porém é verdadeiro. De Eduardo França não se poderia dizer o mesmo; não foi certamente um creador de escola, não fez revolução alguma em seu tempo, mas o seu trabalho tem o merito do estudo e da observação. As suas doutrinas estão hoje condemnadas, e já o estavam, no tempo em que escreveu, pelos espiritos mais adiantados que procuravam emancipar a psychologia do jugo da metaphysica; porém a justiça manda que se deixe logar de honra ao medico bahiano. A ponderação é nossa; para o Sr. Romero, si Eduardo França tem mais merecimento que Mont'Alverne e Magalhães, todavia é com uma certa condescendencia que elle o deixa passar; censura França por não ter lido o conceito de Taine sobre Maine de Biran



(aliás não havia motivo para tanto, porque um juízo individual não importa a condenação de um systema), mas esqueceu-se de que a obra de França traz a data de 1854, e só em 1857 foi que Taine publicou *Os Philosophos Classicos do Seculo XIX*.

Si os trez referidos escriptores mostram obedecer á influencia ainda que tardia do eclectismo francez, não se pense que se prendem por qualquer forma. Magalhães foi discipulo de Mont'Alverne, porem as idéas do mestre não lhe determinaram as proprias; Eduardo França provavelmente não lhes conheceu as tendencias. A observação não é nossa; fal-a o Sr. Romero com justeza, e si os colloca na mesma classe não é que os considere formando uma escola.

Patricio Muniz e o Dr. José Soriano de Sousa apresentam-se-nos rompendo a harmonia que se poderia formar com os trez espiritualistas. O pensamento já obedece a outra tendencia, muito diversa da primeira; estamos em plena idade-media. O primeiro é padre e o segundo é medico; entretanto este parece ser mais padre do que o outro, porque a sua intolerancia é maior, ou para fazer-lhe justiça, a sua logica é mais completa. Patricio Muniz pretende parecer um espirito moderno, quer consorciar o dogma com a sciencia, desenvolver a philosophia no catholicismo. Soriano de Sousa é mais logico, aceita o dogma como crente sincero, e estará disposto a repellir todas as conclusões scientificas, si se encontrarem com os principios da Igreja: em uma de suas obras elle diz com impavidez — é impossivel que haja principio algum que, sendo verdadeiro em philosophia, seja falso em theologia. Se tal affirmacão fosse tomada ao pé da lettra, o Dr. Soriano estaria fóra do catholicismo; mas a philosophia de que elle falla é a dos santos doutores, não é a sciencia moderna. O Sr. Romero dirige a ambos phrases carregadas de desprezo e de ridiculo, e passa adiante, por não consideral-os dignos de refutacão, chamando-os de ignorantes e mediocres.

Ainda resta um espiritualista, é o pintor Pedro Americo. Este estudou, e escreveu fóra do paiz, e talvez por isso escapou ás tendencias theologicas, que em parte deturparam as idéas dos outros. O Sr. Romero tem para elle palavras de animacão, louva a liberdade que reçuma das



poucas paginas que escreveu o pintor; é um pensador liberal que sente enthusiasmo pelas nobres conquistas da sciencia, e se pronuncia contra os aferros da fé, mostra-se um espirito revolucionario e tem admiração pelas artes e pela natureza. Ahi param os elogios; quanto á sua philosophia, o Sr. Romero classifica o pintor na parte liberal do eclectismo francez, e declara que o livro revela bastante fraqueza philosophica e anachronismo nos pontos de vista que escolheu para encarar a sciencia. A sua theoria da razão inerravel, o seu horror ao materialismo positivista, não passam de declamações: tudo quanto apresenta já foi mil vezes repellido como insignificante ou como nullo.

Surgem agora quatro grandes vultos: o Dr. Luiz Pereira Barreto, o visconde do Rio Grande, o Dr. Domingos Guedes Cabral, e o Dr. Tobias Barreto de Menezes; o primeiro é medico e sectario intransigente do positivismo comtista, o segundo é geologo e darwinista, o terceiro é darwinista e francamente materialista; quanto ao ultimo, é um espirito *sui generis*, educado nos principios do eclectismo francez, regenerado pela doutrina positiva de Comte e Littrè, e finalmente libertado dos prejuizos systematicos pela longa cultura da litteratura philosophica allemã. O Sr. Romero considera-os como os quatro espiritos brasileiros de mais saliente cunho neste seculo; examinando-lhes, as doutrinas, julga-se em boa companhia e exulta porque a sua penna não se agitará mais tremula sobre o papel, nem por isso porem abdica o seu direito de critica, e talvez agora ella seja ainda mais rigorosa, porque sem duvida entendeu que a justiça devia começar por casa.

Do Dr. Pereira Barreto diz o Sr. Romero: «Ao que parece, não quiz fazer mais do que um trabalho de popularização; os volumes, que temos, são um apanhado da doutrina positiva; são claras e regulares. Alli porem não ha originalidade alguma: o medico brasileiro cingiu-se por demais aos seus mestres, e copiou-lhes até bons pedaços, como, com razão, já lhe foi censurado.» A critica neste ponto é larga e vigorosa. Tomando por pretexto a obra do paulista, o Sr. Romero abre rigoroso inquerito sobre a doutrina positiva em suas diversas ramificações; vê no



positivismo um systema fecundo, que trouxe inapreciaveis vantagens á philosophia, mas no grande todo depara com idéas inaceitaveis e perigosas para a sciencia ; apesar dos esforços com que os sectarios de Comte procuram firmar a obra gigantesca do mestre, e dal-a como a ultima expressão da verdade scientifica, entende que o espirito do seculo já passou adiante, deixando pelas costas o magestoso edificio. As grandes vantagens do positivismo resumem-se para elle em quatro enormes conquistas : 1.º A excellente classificação das sciencias, superior ás propostas por Ampère e Spencer ; se Comte deixou de parte a psychologia, a logica, a economia politica e a medicina, é que essas sciencias não estavam regularmente organizadas no seu tempo. 2.º O absoluto abandono dos methodos *a priori*, sujeitando-se a philosophia aos factos demonstrados pelas outras sciencias, e dando-se-lhe o character de sciencia geral, incumbida de preparar a intuição do mundo. 3.º O desenvolvimento e propagação dos quatro principios fundamentaes do monismo contemporaneo : a relatividade, a immanencia, a evolução, e a unidade dos seres. 4.º Finalmente, e acima de tudo, a lei dos tres Estados, essa synthese engenhosa e completa, superior a quantô fizeram os antecessores de Comte, e que resiste com vantagem a todas as criticas que lhe tem dirigido até os proprios discipulos, incluindo Littré e Wirouboff, cujas objecções aliás foram de antemão cabalmente refutadas no *Curso de Philosophia Positiva*.

Pensa, porem, o Sr. Romero que dois defeitos capitaes desmoralizam a obra do mestre : considerar o espirito critico como um dado da metaphysica, e perdurar em taxar o materialismo de erroneo e igualmente pertencente a esta phase anterior. A metaphysica é o espantalho dos positivistas ; depois de terem dado batalha aos velhos systemas, e conseguido uma victoria real, deixaram-se dominar pela mania de ver a metaphysica em tudo, e julgam vencer todas as difficuldades atirando o ridiculo esconjuro ; não reparam que com isso se estão desacreditando, nem conseguirão dar vida ao cadaver do positivismo. Entende o Sr. Romero que o espirito critico é inseparavel da organização scientifica e acompanha os seus progressos, e se contra elle se revolta o positivismo decadente é que já lhe sente os golpes ; a critica não é uma doutrina, nem uma philosophia, é simplesmente a condição indispensavel do



movimento evolutivo da sciencia. O segundo erro é mais grave ainda; e a ultima parte do capitulo é uma bella defeza do fundamento em que se estriba o materialismo contemporaneo, a que o Sr. Romero com os espiritos mais adiantados chama realismo scientifico, completando a sua demonstração com a analyse da debandada geral que se nota nas escolas positivistas actuaes. Algumas considerações geraes sobre a politica brasileira feitas pelo autor, a proposito de diversas opiniões do Dr. Barreto, acharão seu lugar mais adiante.

A obra do Sr. visconde do Rio-Grande mereceu particular e detido exame; comquanto o autor só se occupe com geologia, todavia a natureza do assumpto levou-o a considerar a theoria scientifica do universo, e tanto bastava para que ao menos deixasse entrever as suas opiniões philosophicas. O Sr. Romero acompanhou-o no desenvolvimento de sua these do crescimento terrestre, no que está de acordo, e na refutação da theoria de Laplace, que reputa menos procedente. Deixemos, porem, de parte a discussão especial; importa-nos conhecer o philosopho. O illustrado visconde tem para o Sr. Romero a inapreciavel qualidade de ser um franco darwinista, e isto desculpar-lhe-ia quaesquer defeitos, se por outro lado elle já não manifestasse uma grande tensão de espirito e elevado senso critico; quando se trata, porém, do philosopho, o Sr. Romero faz conceito apoucado. E' um darwinista contradictorio, que sacrifica a sua doutrina para ir tropeçar nas velhas asperezas das finalidades; o titulo mesmo da obra é já uma extravagancia. « *O Fim da Creação...* quem disse ao escriptor que houve uma *creação*, e quem lhe autorizou a designar-lhe um fim: » são palavras do Sr. Romero, que mais adiante acrescenta: « O nosso autor nem sempre se mostra inteirado dos modernos avanços praticados nas sciencias que cultiva. Muitos factos novos, elle os não refere por desconhecê-los, ou cala-os por conveniencia. O leitor paciente pode convencer-se comparando certas paginas do *Fim da Creação* com alguns artigos publicados em revistas europeas. » Tudo isto é atirado á conta do *finalista*, que até mereceu ser comparado a um *ratonico* doutor, que ensinou geographia no Recife.

E' rapida a apreciação do Sr. Romero sobre a these do Dr. Guedes Cabral. O medico bahiano, tratando das



*funções do cerebro*, expõe pensamentos acertados sobre psychologia, repelle com força o antigo dualismo do homem, e mostra-se versado no que de proveitoso se ha escripto sobre o assumpto; é um benemerito « porque foi o primeiro que ousou fazer ouvir, em um documento publico, no recinto de uma de nossas tristes academias de medicina, o brado da sciencia emancipada. » Não tem o critico para elle palavras de censura, reproduz-lhe ao contrario os trechos mais salientes, e os recommenda á attenção dos pensadores. Não se vá porem julgar que o Dr. Guedes Cabral saíu incolume da prova a que foi submettido. O Sr. Romero desculpa-lhe o tom declamatorio e certo ar de absoluto que transpira nas paginas do livro, mas protesta contra o signal de novidade que o illustre medico parece ligar ás suas idéas, e o protesto é por diversas vezes repetido, incluindo-se afinal um juizo definitivo nas seguintes palavras: « Bem se vê que não devemos tomar o livro por mais do que vale, isto é, um resumo claro, e, para nós, util por se oppor de frente á misera e mesquinha psychologia que se ensina, com applauso do governo, em nossos pobres collegios. »

Paremos um pouco; a viagem tem sido longa e exige uma pequena pausa, antes de passarmos adiante. O Sr. Romero só se occupa com as idéas que foram manifestadas na imprensa, e estas deram-lhe o resultado que com a maior sinceridade procurámos reproduzir; não contesta que algum brasileiro possa haver que descortine largos horizontes em philosophia, e conheça-lhe as ultimas evoluções, porém « são phenomenos que não vem a luz, e a critica nada sabe das sciencias hermeticamente *aferrolhadas*, » alem de que o seu espirito é affeito a contar somente com aquillo que se manifesta no mundo objectivo, e inclinado a só discutir o observavel.

Deixou de considerar alguns trabalhos publicados, por serem tão insignificantes que viriam manchar de todo as paginas do seu livro.

Sobre os philosophos brasileiros, de que acabamos de dar ligeira noticia, o juizo do Sr. Romero é frisante: uns são nullos e frivolos, não resistem á mais superficial analyse; os outros são destituídos de espirito de observação, não indicam uma só experiencia propria, fazem praça de



uma erudição de segunda e terceira mão, repetem o que já era muito corrente antes de se haverem lembrado de escrever qualquer cousa. Em summa, nem-um delles é philosopho, ou por incapacidade, ou por falta de originalidade.

A. H. DE SOUZA BANDEIRA FILHO.

(Continue).



# UMA RENOVAÇÃO LITTERARIA

## ENTRE NÓS

---

### III

Um pensamento director domina o trabalho do Sr. Romero ; apesar da divisão adoptada, servindo de thema a cada parte o exame das idéas de escriptor differente, vê-se bem que ha alli um plano concertado, mas disposto com tal habilidade que o leitor só o percebe quando chega ao decimo capitulo. Rigorosamente por esse devera ter começado a serie, pois os anteriores formam uma simples introdução ; ficaria assim mais evidente o intuito do autor, e mais completa a homenagem que se propoz render ao brilhante talento do Dr. Tobias Barreto de Menezes, comquanto menos pretencioso se tornasse o frontispicio do folheto. Não foi a *Philosophia no Brazil* o que quiz escrever o Sr. Romero, e sim a biographia, ou antes a apologia do illustre sergipano.

Essa innocente falta deu logar a um effeito todo negativo quanto aos fins que visou o critico : tentando illudir o leitor com a forma de sua exposição, empregou tão grande esforço que afinal só enganou a si ; não que lhe contestemos a verdade de muitos dos seus conceitos, porem exagerou-lhes tanto o alcance, e mostrou-se por tal forma preocupado com uma idéa



fixa que não só excitou a suspeição, mas ainda comprometteu a causa cuja defeza tomára. Não póde deixar de fallar assim quem vê desarmada e complacente para um individuo a critica que pesou desapiedada sobre tudo e sobre todos ; ha uma transição tão brusca, a metamorphose é tão rapida no modo de escrever e de pensar, que o leitor, por mais forte que seja, sente a violencia do choque, mas, passada a primeira impressão, é levado a confessar que não valia a pena destruir tanto para construir tão pouco.

Comparem-se os dois quadros, ainda que em ligeiro esboço : a parte da obra relativa a todos os escriptores portuguezes e brasileiros, e a que se refere a Tobias Barreto.

Portugal é uma nação esteril e decrepita, nada tem produzido que mereça ser contemplado em um trabalho serio ; tudo alli é pequenino ; escriptores sem importancia ou de importancia emprestada ; nem-um systema philosophico vae lá achar o seu berço : eis o inventario das glorias litterarias do paiz de nossos avós, como o faz o Sr. Romero. O Brazil ainda fica atrás ; tudo aqui é insignificante, começando pelo camponio semi-barbaro e acabando no imperador *de posições theatraes*.

E' curioso ler as proprias palavras do autor : « Este paiz não tem impulsos originaes ; o instincto de sequacidade é todo seu ; não existe uma só idéa deposta entre os thesouros intellectuaes da humanidade que seja oriunda do Brazil. » « Julgo que sempre seremos um povo de quarta ou quinta ordem, quanto ás lutas do pensamento, e que só chegaremos á grande cultura com a marcha com que até aqui temos andado, isto é, recebendo um ou outro impulso do exterior a pezar nosso. » « Em regra, não é um bom exemplo aconselhar uma nação que siga outra ; mas isto deve-se comprehender com relação aos grandes povos, áquelles que podem representar um papel original na historia. Para os povos mediocres, ou quasi nullos, a cousa muda muito de figura. Elles devem ser compellidos a tomar os avisos salutaes, sob pena de perda irremediavel. Impropios para reformarem-se por si, hão mister de uma escola severa fornecida pelo estrangeiro. » « Essa grande patricia nossa, a ignorancia, tem assento desde a tripeça do baixo operario até as poltronas da grande administração. » « Elle (Tobias) devia penetrar um pouco amplamente em nossa vida publica e ostentar aos olhos da Europa illudida as nossas misérias de povo semi-barbaro. » « O Brazil é um paiz



de legistas ; a formalistica nos consome ; todas as nossas questões se resolvem pela praxe..... O espirito publico, de mãos dadas com o poder, pune com o mais duro abandono qualquer tentamen de levantamento ; os mais empenhados no castigo são os chamados *litteratos*.... Um systema completo de captiveiro intellectual, tendo a sua base na primeira educação e passando pela escola e pelas academias, garante o triste resultado.... O povo brasileiro possuiue tambem seus desejos e suas esperanças de reformas e de verdadeiro progresso ; mas são completas velleidades.»

Si das vistas geraes passarmos aos juizos formados sobre os brasileiros ou portuguezes que tiveram a infelicidade de escrever ou pensar alguma coisa, torna-se saliente o incommodo que isto causa ao Sr. Romero. Apesar de educado na escola do positivismo, o nosso critico, *a priori*, estabeleceu o principio da incapacidade brasileira e portugueza, e quando qualquer excepção quebra-lhe a harmonia do plano, ahi o temcs, de picareta alçada, prompto para demolir : todo argumento lhe serve, nem recua diante da injustiça comtanto que chegue á conclusão de que—não *temos tido* sinão pasquineiros e declamadores. Dirá de Pereira da Silva que o *Primeiro Reinado* é um livro informe e desconchavado ; de Salles Torres Homem, que é um pasquineiro, autor do declamatorio e mesquinho *Libello do Povo* ; de José Bonifacio, que é um retrogrado e mediocre conselheiro ; de Saldanha Maranhão, que é lido e tem sectarios porque para ser um escriptor de voz um pouco retumbante neste paiz não são precisos muitos dotes ; de José de Alencar, que é o mais acabado typo dos prosaistas da velha phase das palavras para *effeito* ; e assim por diante tem uma classificação pouco lisongeira para cada escriptor. Não ha necessidade de repetir os conceitos que forma sobre os portuguezes ; é no mesmo diapasão que os considera espiritos mediocres, incluindo Garrett, Castilho e Herculano, e si Theophilo Braga mereceu alguma generosidade foi porque *par un tour de force* revelou-se ultimamente sectario do positivismo.

Para que, porem, tudo isto ? Para que esse afan em fazer garbo da pobreza intellectual dos dois paizes, com uma insistencia tão impertinente e uma exaggeração de cuja sinceridade é licito duvidar ? Vae o leitor sabel-o : « No ermo scientifico que nos envolve, onde cabeças fartas de classicas toleimas labo-



ram no vacuo de *uma* intuição imperfeitissima do mundo como elle é, e vivem de *uma* politica ferrenha que as devora, o Dr. Tobias Barreto não é só *um* espirito culto e *um* critico acertado, é *uma individualidade*. » Ora, eis ahi o que não valia a pena, e o elogio de que Tobias Barreto deve appellar. Bem apoucada, pensará o leitor, deve ser a estatura desse sabio si, para tornal-o notavel em terra tão pequena, é preciso rodeal-o de mediocridades tão grandes, e pôr o Brazil abaixo do nivel da China e da Australia, declarando positivamente que não ha aqui esperança de progresso, nem perspectiva de adiantamento.

Não parou ahi porem a illusão do Sr. Romero. Depois de ter collocado seu idolo num deserto, julgando ser o melhor meio de realçal-o, entregou-se á tarefa de exagerar-lhe as proporções com o intuito de formar uma figura legendaria. Foi buscal-o nos quichabaes tristonhos da sergipana villa de Campos, e acompanhou-o desde o banho folgazão do rio Real. Tudo é extraordinario na vida do ente predestinado a ser no Brazil o que foram na Allemanha Kant ou Schopenhauer. Seu pae, escrivão do mesquinho termo, poucos recursos tinha para aperfeiçoar-lhe a educação, de sorte que o filho fel-a por si. Mestre de latim aos 17 annos, compunha musica e ao mesmo tempo fazia versos; selvagem e sem modelos, a sua inspiração era entretanto de uma energia mascula. Arrebatado por beato ascetismo pretendeu a tonsura, e na primeira noite que se achou no Seminario Bahiano alvoroçou as almas candidas do santo retiro cantando *modinhas* ao som do violão. Despedido, vagou um dia inteiro pelas ruas da cidade, mas nem por isso faltou-lhe o sangue frio para assistir a um espectaculo no theatro, comquanto a bolsa estivesse quasi vasia; e recolhido á hospedaria, incendiou-se esta momentos depois de havel-o recebido. Acolhido por uma *republica* de estudantes, aprendeu comsigo o francez, e ouviu as lições de *philosophia* de Fr. Itaparica, que foram sacrificadas ao romantismo incandescente de Victor Hugo. Baldo de recursos, e tendo abandonado as aulas, deitou-se um dia em sua rede, e aborrecido jogou aos ares o livro com que se entretinha, e que foi cair a um canto, aberto no lugar onde se lia: *On perd son avenir par trop d'impatience*! Estimulado pelo conselho, o proletario seguiu caminho do Recife, onde um anno depois matriculou-se no



curso juridico, feitos todos os preparatorios. Entregou-se a fortes estudos de sciencias sociaes e philosophia, mas cultivou tambem com enthusiasmo a poesia, creando a escola *bombastica*. Bacharelado, abraçou a advocacia, e vive hoje arredio dos negocios publicos, pobre e abandonado na Escada, pequena cidade pernambucana, onde escreve seus trabalhos e publica jornaes em portuguez e allemão, sendo, entre semi-barbaros camponios, um entusiasta consciente da cultura tedesca.

Todas estas circumstancias minimas, que passariam despercebidas na vida de qualquer um, pois constituem a longa serie de difficuldades que forma a historia da maior parte dos homens de letras em todos os paizes, são consideradas pelo Sr. Romero como outras tantas originalidades do philosopho brasileiro, dá-lhes uma importancia que não podem ter, principalmente combinadas a geito de phantasia romantica, e afinal imagina uma *psychologia* especial do escriptor para, á sombra della, melhor preparar as bases da revolução litteraria. Não contente com argumentar sobre factos que só se apoiam em sua palavra de honra, o Sr. Romero julga firmar absolutamente os seus conceitos com a simples affirmacão de que não tem desenvolvido o senso do *monos*, nem anda assignalando em qualquer cousa a primeira maravilha da patria.

Não vá alguém pensar que o humilde autor destas linhas pretende negar a Tobias Barreto o seu incontestavel merecimento. Talento vasto, estudo profundo, illustração variada, são brilhantes qualidades que ornarn o distincto sergipano, cujo bom senso o obrigará a recusar o papel ridiculo que, por desaso, o Sr. Romero quer attribuir-lhe no desenvolvimento litterario das duas nações que fallam a lingua portugueza. Adm iradores de Tobias, entendemos comtudo que o Sr. Romero<sup>o</sup>, em vez de prestar um serviço, prejudicou-o com o panegyrico que lhe fez, principalmente depois do modo por que julgou os outros escriptores; as obras de Tobias não estão divulgadas, e quem o conhecer pela *Philosophia no Brazil* formará juizo menos lisongeiro.

E', com effeito, singular a singeleza com que o Sr. Romero mostra-se sempre condescendente para qualquer defeito ou erro de Tobias, elle que phantasiou-os em todos os escriptores com que se occupou, afim de dal-os por mediocres; si alguma vez discorda, é sómente porque lembra-se do philoso-



pho que exprobrava ao seu amigo : *die aliquid contra ut duo simus*. Mas as defezas do Sr. Romero são comprometedoras pela falta de seriedade. Si Tobias, abusando do seu talento, entregou-se a uma poesia bastarda, que consistia no arranjo de metaphoras absurdas, como fosse *arrancar as pestanas do sol para fazer um pincel*, ou *Pernambuco agachar-se um pouco para tomar o peso do Paraguay*, e muitas outras, o Sr. Romero entende que esse empolamento denuncia grandeza de imaginação e riqueza de colorido. Si o estylo de Tobias é aspero, e ás vezes grosseiramente baixo, pois já começou um artigo litterario apostrophando o seu contendor *qualquer que fosse o tamanho de suas orelhas, ou o numero de seus pés*, o Sr. Romero dirá que isso é devido á influencia das agruras de Sergipe, dos areiaes de Campos e da má fortuna social. Si Tobias, não comprehendendo o alcance do apophtegma de Descartes *je pense, donc je suis*, tratou-o como si fôra um enthymema, o Sr. Romero attribue a culpa á Ch. Levéque que induziu o philosopho brasileiro ao erro, como si Tobias não tivesse obrigação de lêr Descartes antes de refutal-o, e como si em qualquer compendio não estivesse bem explicado aquelle ponto no sentido da novidade que foi lêr em Th. Buckle. Si Tobias julga-nos na *necessidade de uma reforma intellectual*, e manda-nos que acompanhemos a Allemanha, o Sr. Romero, que, si se tratasse de qualquer outro, gritaria logo contra o paradoxo, acha meios de emendar a phrase para dar-lhe uma explicação que não comprometta os fóros do unico philosopho brasileiro.

Vê-se pois que para Tobias Barreto tem o Sr. Romero um systema especial de critica, differente do com que aprecia os outros. Os philosophos brasileiros não exerceram influencia em seu tempo e passaram despercebidos, o Sr. Romero atira-se a elles e denuncia-os como nullidades; Tobias Barreto tambem não tem exercido influencia, e muitos até ignoram o seu grande merecimento : o Sr. Romero muda de systema, e explica o facto pelo odio que inspira o reactor, que nunca fez *romarias litterarias* á Côte, *essa grande ladra*, onde as lettras e sciencias abriram fallencia, e contra a qual a mocidade brasileira das provincias deve levantar-se em santa cruzada, tendo por titulo na bandeira *O joven Brazil*. O Sr. Romero diz isto seriamente, e repete por vezes o seu conceito ; para elle a Côte, que não conhece Tobias, é a



causa de todo o atrazo intellectual do paiz. Apesar de terem desenvolvido o sentimento do provincialismo, entendemos que essa tirada indica um estado pathologico; o facto que se tem notado no Brazil é que a maior parte dos verdadeiros talentos provincianos têm procurado a Côrte e nella residido, e até se nota que talvez a maioria dos escriptores, na imprensa da Côrte, são provincianos.

Não vem ao caso refutar o paradoxo; cumpre antes ponderar a injustiça da accusação. Si Tobias Barreto não é tão conhecido na Côrte como fôra para desejar, o culpado é elle proprio, que abandona o idioma patrio e escreve quasi sempre em allemão, lingua que, como affirma o proprio Sr. Romero, não é ainda bastante cultivada pelos escriptores brasileiros. Demais os trabalhos de Tobias têm sido impressos em periodicos ephemericos, de circulação limitadissima, que provavelmente não chegaram em grande numero até a Côrte; o unico volume em portuguez que Tobias começou a publicar não passou do primeiro fasciculo, e este mesmo não está exposto á venda nas livrarias da Côrte. Ora, provocar uma revolução da mocidade das provincias contra a Côrte só porque os escriptores desta não vão até a cidade da Escada, em Pernambuco, pedir a Tobias que lhes conte as idéas para reformarem as proprias, é um contra-senso tão redondo que não tem por onde se lhe pegue.

Qual é porem, a natureza da revolução operada por Tobias Barreto? E' justo que deixemos fallar o Sr. Romero: « O Dr. Tobias Barreto é antes de tudo um *reactor*, e até certo ponto um *propagandista*. Na qualidade de reactor, lido, como é, em muitos dos ramos da sciencia de hoje, investe contra o nosso deploravel atrazo, e assume um certo ar de rudeza, não proposital aliás, e indispensavel ao bom exito de suas tentativas. Sua propaganda é indirecta; elle não tem o espirito aberto ás relações com a multidão: ama o isolamento e gosta de apparecer no singular. Ainda assim, pela força e disposição incisiva de seu estylo, suas idéas deixam-se abraçar: mas o numero dos adeptos é sempre limitado.... Juntaí a isto um delicado senso em apoderar-se das insinuações mais novas e livres da sciencia e da philosophia, uma dóse ligeira do pessimismo de Hartmann, mais forte do positivismo de Comte, do darwinismo de Haeckel, sem tornar-se o escravo de nem-um desses systemas, e ahí tendes uma idéa do seu espirito. Delle restará, antes de tudo, o exemplo. »



Esse esboço representa o estado actual das idéas de Tobias Barreto. O illustre sergipano, como o proprio Sr. Romero confessa por entre as costumadas defezas, é o mais acabado typo do philosopho brasileiro, qual o pintou o critico: obedecendo ás idéas do ultimo livro que lhe cae nas mãos, vemol-o sempre brilhando com luz estranha, e fazendo jus ao retrato que Taine traçou da philosophia de Cousin. Saiu de Campos no periodo theologico em procura do seminario; o periodo metaphysico foi iniciado por Victor Hugo, e então a sua propaganda baseava-se nas idéas de Maine de Biran, Cousin, Jouffroy, Jules Simon e Balmés; passado ao periodo positivo, abraçou as idéas de Comte, e afinal a ultima guerra allemã atirou-o nos braços da cultura germanica e transformou de todo a sua velha intuição. Foi uma evolução completa; e o Sr. Romero, seguindo as mesmas pisadas, é uma verdadeira superfetação, como se deduz da sua narrativa. Examinadas as idéas de Tobias Barreto, estão sabidas as suas, que elle resume nas seguintes palavras:

« O meu systema philosophico reduz-se a não ter systema algum, porque um systema prende e comprime sempre a verdade. Sectario convicto do *positivismo* de Comte, não na direcção que este lhe deu nos ultimos annos de sua vida, mas na ramificação capitaneada por Emile Littré, depois que travei conhecimento com o transformismo de Darwin, procuro harmonisar os dois systemas n'um criticismo amplo e fecundo..... Eu não sei si ainda haverá, entre homens que se occupem com philosophia, quem ignore que Herbert Spencer, que como pensador é mais profundo do que Littré (apezar deste não ser só para mim o que delle disse Michelet), e cujo monumento philosophico tomado no seu todo é mais imponente do que o do proprio Comte, eu não sei se ainda haverá, digo, quem ignore que elle abraçou muitas idéas deste ultimo e repelliu outras, e que tambem desenvolveu e fecundou sua doutrina pelo darwinismo, de que foi até um dos predecessores. Eis ahi a possibilidade da junção harmonica das duas correntes de idéas, sem duvida alguma, as mais fecundas que nosso seculo viu surgir.... Sou eu, pois, sectario do positivismo e do transformismo? Sim; entendendo-os porrem de um modo largo, e não sacrificando a minha liberdade de pensar a certas imposições caprichosas que os systemas possam porventura apresentar. »



Feitas estas considerações, cremos ter chegado a occasião do leitor julgar connosco o Sr. Romero, na sua dupla qualidade de philosopho e de critico.

#### IV

Uma renovação litteraria entre nós... é o fim a que se propõe o Sr. Romero ; tratando de philosophia, já vimos quaes as suas idéas, e é natural suppor que, convencido da verdade dellas, as apresente como o meio de renovação. Não nos importemos com o nome ; é questão secundaria : Criticismo, Realismo scientifico, Monismo... são indicações já conhecidas, e que não podem representar o systema de um philosopho, que tem por originalidade não seguir systema algum. O importante é saber a tendencia, e esta se caracteriza por uma transacção ; o Sr. Romero aborrece o espirito de systema porque tem imposições caprichosas, e, preferindo conservar a sua liberdade de pensar, guarda posição independente entre o positivismo e o transformismo, entendendo-os de um modo largo. Não é papel original ; Spencer conseguiu harmonizar as duas theorias, mas nem por isso o Sr. Romero rende-lhe vassallagem ; o seu *criticismo amplo e fecundo* não obedece sinão á verdade.

Qual é, porem, o criterio da escolha ? Debalde procurámos em todo o volume, e não a encontrámos ; vimos sempre uma critica sem norte, caminhando de systema em systema mais desejosa de dialectica do que de outra cousa. O Sr. Romero discutiu tudo, e tudo poz em duvida ; ninguem com facilidade o acompanhará, porque faltam-lhe os principios ; um systema é um compromisso, e o nosso philosopho não gosta de comprometter-se ; quer antes de tudo a sua liberdade, e é isto o que constitue o seu *criticismo*. No meio do debate estabeleceu algumas affirmações, mas estas são revestidas de um dogmatismo que não tolera contestação ; o nosso philosopho, ou falla em seu nome, e então não ha necessidade de provas, ou falla em nome *dos seus sete sabios*, e tudo está dito.



Não podia deixar de ser essa a conclusão, admittindo-se aquelle ponto de partida. O espirito de independencia, elevado a arbitro dos systemas, em beneficio da liberdade de pensar, só produz em philosophia o dogmatismo sem provas ; nesse ponto o Sr. Romero mostrou-se tão longe do positivismo que não parece mais ter direito de fallar em nome do systema, que baniu das sciencias a liberdade de pensar como criação metaphysica. O Sr. Romero é antes um eclecticico inconsciente que errou o seu caminho, e julga-se positivista somente porque conhece alguns dos principios da nova escola, e nunca teve occasião de ler as doutrinas de Cousin sinão nas paginas de Taine, um adversario. Comte entendia que, em philosophia, devia haver tanta liberdade de pensar como ha em astronomia, em physica, em chimica, ou em physiologia ; não se póde defender o Sr. Romero allegando que repudiou do positivismo a parte em que condemna a critica ; ainda não é isso ; procurando estudar as questões scientificas, antes de tudo o preoccupa a sua liberdade de pensar, e tanto basta para declarar-se inimigo do positivismo, ou desconhecer-lhe o espirito.

Está hoje em moda tratar de resto a philosophia de Cousin ; uns contentam-se com accusal-a de não explicar as questões philosophicas, e occultar a sua fragilidade sob a capa da eloquencia do mestre ; outros querem ainda desmoralizal-a pintando-a como a arma politica, cavillosa e hypocrita, destinada a accommodar o ensino philosophico ao estado de cousas creado em França pela Restauração. Não é preciso ver muito longe em historia para affirmar que a primeira critica é mais razoavel ; a segunda é malevola e inexacta. Quem leu as obras de Cousin, e não se contentou para julgal-o com as poucas paginas da critica exagerada de Taine, como fez o Sr. Romero, vê bem que o chefe do eclecticismo foi um espirito forte e independente, amante da verdade e seu enthusiasta ; a sua boa fé não lhe permittia crer que o homem errasse conscientemente, e dahi a disposição para suppôr que em todo systema ha alguma parte de verdade. O eclecticismo está anniquilado, mas o que o matou foi a falta de um criterio solido ; quanto ás vistas de Cousin, erão ellas inteiramente aceitaveis, e o Sr. Romero, julgando fazer novidade com o seu criticismo, quasi que repetiu as phrases do eclecticico.



Attenda o leitor para as seguintes palavras (1), e veja si não encontra ahi o abandono do exclusivismo dos systemas, o que forma a *originalidade* do Sr. Romero :

« Desde a primeira lição, eu vos assignalei o espirito que animaria o meu ensino : um espirito de livre exame, reconhecendo com alegria a verdade em qualquer lugar em que ella se mostre, aproveitando todos os systemas que o seculo XVIII legou a nosso tempo, mas sem encerrar-se em nem-um delles. » Damiron falla a mesma linguagem (2): « O eclectismo não exerce em relação aos factos essa tyrannia com que o espirito de seita ou de systema os inventa, mutila ou afasta a seu arbitrio, nem os sujeita a combinações facticias e artificiaes... O eclectismo ou, por outras palavras, o espirito de indagação e de exame, de imparcialidade e de exactidão, é incontestavelmente a condição primeira e indispensavel de todo estudo philosophico. » São phrases que o Sr. Romero deveria ter meditado, e entretanto foram escriptas pelos sectarios de um systema que até os espiritualistas já abandonaram.

O Sr. Romero não fez mais do que applicar o eclectismo ás doutrinas hoje em voga ; a Cousin falhou o criterio que escolhera, elle não se deu ao trabalho de escolher criterio algum, o seu juizo individual antes de tudo, e por isso abandona Comte por Littré, Littré por Darwin, Darwin por Spencer, e... a mocidade brasileira que acompanhe a marcha vertiginosa desse cometa, que passa por toda parte sem parar em parte alguma. O espirito conciliador de Spencer agradou-lhe mais que qualquer outro, porem pouco lhe aproveitou, pois o abandona nos pontos mais essenciaes, como na apreciação da lei dos trez estados, na classificação das sciencias, na organização subjectiva da psychologia, assim de seguir Comte nas duas primeiras questões, e tornar-se completo materialista quanto á ultima, applaudindo as palavras do Dr. Guedes Cabral.

O *eclectismo* do Sr. Romero é esteril e inconsequente ; não chega a resultado proveitoso, nem póde servir para operar uma renovação qualquer ; somente proprio para destruir, é incapaz de crear, e ahi está o seu fraco. Para operar uma renovação cumpria antes de tudo assentar principio solido que

(1) Cousin, *Du vrai, du beau et du bien*. Paris. 1854. pag. 431.

(2) Damiron, *Cours de philosophie*, prefacio.



servisse de criterio, e methodo seguro para as investigações ; o Sr. Romero não fez uma, nem outra cousa. Sectario do positivismo, elle o repudia na parte que forma a tendencia mais importante do systema, o abandono dos *principios superiores*, e lá o vemos na ultima pagina do livro dizer que, quanto á origem do universo, é mister recorrer-se a *um principio superior*, qualquer que seja, cuja natureza não pôde ainda ser determinada scientificamente, *mas que poderá sel-o de modo incontestavel... é o Deus vivificante, que sempre alegrou o coração popular* Sectario da theoria evolucionista de Spencer, elle abandona o systema quando trata da observação directa em psychologia, desprezando assim o unico meio de demonstrar as condições de legitimidade da experiencia. A mocidade brasileira lerá com desprazer o livro do Sr. Romero, pois nada de novo encontrará, apezar das promessas pretenciosas da *nota nicial*; é um philosopho de mau gosto, que deu-se ao trabalho de desacreditar todos os escriptores brasileiros e portuguezes, para afinal cousa alguma produzir.

Comte e Spencer são incontestavelmente escriptores muito lidos hoje em nossas escolas, das quaes quasi que está banido o velho espiritualismo com sua metaphysica e seus principios *a priori*; apenas se nota um facto deploravel, e é que os unicos atrasados são os mestres; os discipulos vão adiante com as novas idéas. Sem querer comparar os dois grandes philosophos, não podemos occultar a maior sympathia que nos merece o segundo, e folgamos de estar de acordo com o Sr. Romero; porem é outro o nosso ponto de vista. A theoria de Comte, dando a experiencia como criterio da verdade, não offerece uma base para demonstração da legitimidade desse criterio, e é o que se encontra nas theses de Spencer sobre a psychologia; as affirmações de Comte, quanto ao estudo das causas primeiras, peccam por absolutas demais, e neste ponto parecem mais logicas as idéas de Spencer, e satisfazem mais a consciencia humana.

Ha nas escolas philosophicas dos nossos dias notavel tendencia para um acôrdo definitivo. A velha metaphysica, que partia dos principios *a priori* para formar uma sciencia do absoluto, desde muito deixou de merecer o assentimento dos modernos espiritualistas; estes tambem mudaram o nome do systema, e assim como o materialismo quer chamar-se agora *realismo scientifico*, elles reclamam para a sua dou-



trina o titulo de *idealismo realista*. E' dest' arte que vemos a metaphysica abdicar suas antigas pretensões de constituir uma sciencia, e contentar-se com ser a aspiração do espirito para formar com os dados scientificos uma concepção geral, sempre indemonstrável, mas nem por isso menos legitima; a psychologia, reduzida ao estudo dos phenomenos e do eu, abandonar como insoluveis as questões que se prendem á immortalidade d'alma; a logica constituir-se fóra do influxo das discussões dos systemas; e a moral organizar-se independentemente das religiões positivas.

O methodo experimental é a base verdadeira da renovação litteraria de que precisamos, e esta já vae caminhando. No meio dos proprios espiritualistas a mocidade brasileira encontra guias como Vacherot, Ambroise Clement, Louis Liard, Secretan, Ott, Paul Janet, Renouvier, Lachelier, Ravaisson e muitos outros, que têm separado o que a velha escola tinha de aproveitavel, desprezando as especulações abstractas que tanto prejudicaram a marcha da philosophia. O Sr. Romero está atrazado com o *seu eclectismo* impotente, e nunca poderá fazer escola, porque todos os systemas parecem tender para um acôrdo, e o seu fim é impossibilita-lo.

Si como philosopho o Sr. Romero deixa muito que desejar, como critico duas qualidades principaes o distinguem: é inconsiderado e vaidoso, e o seu estylo resente-se de ambos os defeitos.

Quem lê attentamente a *Philosophia no Brazil* nota, com surpresa, que o autor incorreu em quasi todas as faltas que censurou nos outros, e frequentemente avançou proposições cujo alcance não foi meditado. Assim, vemol-o accusar os philosophos brasileiros de nada produzirem que seja original, de não apresentarem uma só experiencia que tivessem feito, e entretanto o Sr. Romero não é capaz de dizer qual foi a originalidade que disse em seu livro, nem de mostrar onde descreveu alguma experiencia propria, ao contrario, apesar de sua *preparação preliminar um tanto rigorosa*, só vemol-o exhibir-se como acolyto de algum escriptor; para contestar a Eduardo França sobre si são localizadas as sensações internas a palavra é dada a Kùs, é Tschermack quem contesta ao visconde do Rio Grande sobre si a passagem de um corpo do estado liquido ao solido acarreta-lhe sempre diminuição relativa de volume, e assim por diante. Ainda mais, accusa os



Drs. Guedes Cabral e Pereira Barreto pelo modo absoluto com que estabelecem as suas affirmações, e entretanto em parte alguma se encontra dogmatismo mais absoluto e mais pretencioso do que no livro do Sr. Romero ; basta uma phrase energica *é um erro, é inexacto*, ou qualquer outra nesse genero, e está provada a these, e nisso se resume quasi sempre a sua argumentação.

Outro não menor defeito é a vaidade, porem illimitada. E' lastimavel vêr esse moço, que sem duvida tem merecimento porque leu muito e muito estudou, mas que ainda tem muito que ler e estudar, suppondo-se collocado na posição do legislador de Volney, destruir systemas com uma pennada, e conceder ou negar diplomas de sabio. O que antes de tudo o preoccupa é o futil desejo de mostrar uma illustração muito variada, de dar a entender ao seu leitor que não ha uma sciencia que lhe seja estranha, e assim é que não perde a occasião de escrever proposições de absoluto dogmatismo em mathematicas, physica, chimica, astronomia, biologia, geologia, e ás vezes muito fóra de proposito, com prejuizo da exposição. A cada passo que cita os escriptores predilectos, e quasi sempre aos dois e trez, vem logo a ironia pungente atirada aos seus patricios, que reputa ignorarem a existencia dos sete sabios : Spencer, Darwin, Hackel, Buchner, Vogt, Moleschott, e Huxley ; e mesmo entre os sabios o Sr. Romero reserva-se o direito de determinar quaes os que formam o triumvirato do seculo XIX : Strauss, Comte e Darwin, como si os criticos que vivem numa epoca possam destacar facilmente os vultos contemporaneos, e determinar *a priori* os effeitos do movimento que produziram. Mas tudo isto que parece menos serio é o elemento indispensavel ao Sr. Romero ; para elle o que mais importa é a ostentação da sciencia dos nomes proprios, em que aliás ha hoje tanta gente habilitada, pois nada mais facil do que reproduzir citações encontradas no primeiro livro francez ou allemão. Não basta ler Haeckel para ter o direito de ser arrogante, essa qualidadessenta mal em um homem de lettras ; e julgamos que o Sr. Romero faria um serviço relevante á sua patria si corrigisse a impetuosidade da sua linguagem.

Não é só isso ; além de querer exhibir um conhecimento completo de todo o saber positivo, o Sr. Romero tem pretensões a polyglotta, o que seria uma vantagem em seu favor, porem indesculpavel é a fraqueza que revela impondo-se ao leitor



com citações em latim, francez, inglez, italiano, allemão, hespanhol, elle que descobre a ignorancia em toda a parte, e vê mediocridades em todos os seus leitores. Os verdadeiros sabios não se deixam levar por essas infantilidades, escrevem para serem comprehendidos, e não para serem admirados; quando citam qualquer escriptor estrangeiro traduzem o trecho afim de auxiliarem o leitor, que não tem obrigação de saber todas as linguas.

Os dois defeitos, e principalmente o ultimo, influiram de modo bem desagradavel no estylo do Sr. Romero. A sua dicção nem sempre é correcta, e a phrase, constantemente mal organizada; porem o que acima de tudo deturpa-lhe o estylo é o enxerto de ditos chulos em lingua estrangeira, de modo que a seriedade do assumpto fica ás vezes prejudicada com a forma de folhetim. Os neologismos abundam, e bem injustificaveis. o que aliás é desculpavel num escriptor que faz timbre em não aceitar regras, nem reconhecer autoridade constituida no seu paiz, em materia de letras. E, para tudo dizer em uma palavra, é tão fertil a imaginação do critico que, ás vezes, para variar a monotonia de escrever sempre em portuguez, argumenta em francez macarronico, como fez tratando do Sr. Pedro Americo.

Em conclusão, o Sr. Romero errou o alvo: são inaceitaveis as bases que propõe para a renovação litteraria, e como critico não se mostrou na altura do seu orgulho. Com as proprias palavras poderão todos responder-lhe: « Já é tão sedicã e inaproveitavel certa maneira de insurgir-se contra o seu tempo que até um escriptor de minima estatura deve fugir de repetil-a, »

A. H. DE SOUZA BANDEIRA FILHO.